

# O Papel do Tratamento e da Punição no Abuso de Drogas



## **Antônio Nery Filho**

*Fundador e Coordenador Geral do Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas/CETAD-Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia*



*Imagem 01*

Apoiarei minha apresentação em três proposições fundamentais, bastante distintas dos relatos apresentados, até agora, neste Seminário. Parto da seguinte questão geral: “por que os humanos usam substâncias psicoativas? Utilizo a expressão psicoativos de modo enfático, legais ou ilegais conforme sua condição na lei, para salientar que considero todos os produtos capazes de modificar, prioritariamente, o sistema nervoso central (SNC) e, conseqüentemente, as funções psíquicas. Para melhor ilustrar minha exposição recorro a Michelangelo Buonarroti (1475-1564), através do magnífico afresco pintado na Capela Sistina: O Criador e a Criatura (*ver imagem 01*). Atentem que nesta magnífica pintura a mão da Criatura não toca a mão do Criador. E este é o nosso problema! Se o Senhor tivesse mantido o seu dedo tocando o dedo da sua criatura, nossa natureza permaneceria divina e não seríamos livres para intervir em nosso destino, não estaríamos submetidos ao livre-arbítrio. Separados do Criador, ganhamos natureza humana sem perder a lembrança do que fomos e poderíamos ter continuado a ser.

Conta o Gênesis, que o Senhor interditou aos nossos Pais Inaugurais, o Fruto do Conhecimento ou da Sabedoria. Podemos pensar, como já o fizeram outros estudiosos,

que estava em jogo o Tempo até então “linear”, sem começo e sem fim; o Fruto Proibido veio revelar aos dois seres divinos um novo tempo, circular, com início, meio, fim e re-início. Eis aí a hominização.

A passagem da ordem divina para a ordem humana, marcada pela finitude, o conhecimento do tempo, separou a mão do Criador da mão da Criatura determinando o que denomino de Sofrimento Original para o qual haveria de se buscar lenitivo. Livre-arbítrio e sofrimento foram as condições fundamentais para o (possível) encontro dos humanos com as substâncias capazes de modificarem a percepção do mundo e suas dores, modificarem a percepção de si mesmos. Se o Senhor não nos tivesse dado a condição de decidir sobre nosso futuro, e se tivéssemos permanecido iguais a Ele, não estaríamos submetidos à diferença.

A finitude marcada pela morte define nossa condição de “seres do sofrimento”. Eis aí uma questão absolutamente humana: o sofrimento determinado pela consciência que temos da morte. O livre-arbítrio, deu aos humanos a possibilidade de buscar nos objetos do mundo alguma coisa que pudesse minorar o sofrimento causado pelo reconhecimento de sua finitude. Defendo que foi o acaso-no-livre-arbítrio a condição propiciadora da vida pela redução do sofrimento através das substâncias psicoativas. Nesta condição, usamos drogas porque somos Filhos de Deus tornados humanos. Esta é a primeira postulação.

Outro caminho para responder à pergunta inicial “por que os humanos usam drogas”, pode ser aquele do “mito da horda primitiva” tornado célebre por S. Freud em seu livro Totem e Tabu: imaginemos que um grupo de seres se deslocasse num presente

permanente porque não era dotado de linguagem, não simbolizava e, portanto, não antecipava o futuro e nem reconstruía o passado. Contudo, à medida que a horda se desloca no tempo, fala e simboliza. Nesta circunstância vão olhar para trás e verificar que há um resto deixado ao longo da trilha do tempo, este algo era a história de fatos e corpos, era a morte, reconhecida – ou se preferirem- significada. Assim se fez a história dos humanos; ao reconhecer o passado foi possível, também, antecipar o futuro. Curioso notar que o reconhecimento do passado e do futuro destituíram os humanos do presente em que estavam aprisionados anteriormente; o presente torna-se uma ficção, impossível de ser apreendido exceto na fugacidade de sua percepção. A título de provocação posso dizer que o presente é um futuro que não chegou ou um passado que já se fez.

Nesta nova posição “simbolizante e falante”, os seres humanos experimentaram o insuportável sofrimento da condição de mortais. Ali, também vão, ao acaso dos encontros introduzirem em seus corpos produtos capazes de reduzirem a percepção do sofrimento. Defendo, portanto, que a presença no mundo de substâncias psicoativas é uma responsabilidade Divina, mas o ato de usar a substâncias é da ordem humana. Esta é a segunda proposição.

Isto posto, peço aos senhores autorização para uma ruptura para tratar do consumo de substâncias psicoativas nos dias atuais.

Resguardado o que é próprio da condição humana, como acabamos de propor, salientemos que os humanos não consomem substâncias psicoativas do mesmo modo nem nas mesmas circunstâncias. Da perspectiva médico-psicológica podemos

categorizar os consumos em experimental, absolutamente destituído de caráter patológico, uma aventura bem ao gosto dos adolescentes e adultos jovens; consumo eventual ou circunstancial no qual se insere a maioria das pessoas e o consumo patológico ou dependência química, situação bem mais rara, que requer competência e técnica para sua abordagem e cuidados (infelizmente, fala-se das três categorias como se fosse uma só, com graves prejuízos para todos) Em minha prática clínica, que já ultrapassa três décadas, estabeleci, com finalidade didática, duas categorias de consumidores jovens, tendo em vista lidar com os pais e com as mães, desesperados diante da notícia do uso de drogas por um filho, em geral a maconha (*Canabis sativa*). Quando procurado por um familiar, minha pergunta era: “quem é o seu filho?”. Geralmente os pais se surpreendiam:

- Como, quem é meu filho? Meu filho se chama Marcelo.
- E quem é Marcelo?
- Marcelo é meu filho.
- Sim, mas quem é seu filho...?

Ficava claro que os pais, apesar da convivência, não conseguiam falar muito de seus filhos; geralmente eu solicitava que retornassem a eles e depois me dissessem o que encontraram. Posteriormente, pouco a pouco, falava-lhes dos filhos lagartixa e dos filhos crocodilo. Para quem não conhece, lagartixa é um pequeno lagarto, segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, da família dos geconídeos, natural da África e introduzido na América do Sul, onde vive especialmente em habitações humanas. Quem já viu um destes pequenos animais sabe o quanto são fugidios, desconfiados, frágeis e adaptados à vida

familiar; não se pode dizer que seja bonito, pelo contrário. Sempre disse aos pais que se uma lagartixa consumir cocaína, ela será sempre uma lagartixa cocainada! Pode até “pensar” que é a dona(o) do mundo mas suas possibilidades serão sempre de uma lagartixa. E como devemos lidar com este pequeno animal? Evidentemente, com delicadeza e cuidado se não o queremos sacrificar; uma pequena caixa é bastante para aprisioná-lo(a), se se for suficientemente hábil para alcançá-lo(a). Por mais cocaína que tenha usado, a lagartixa, será sempre uma lagartixa. E o crocodilo? O crocodilo é um grande réptil da família dos crocodylidae, ainda de acordo com o Houaiss, de pele grossa e coreácea, com placas córneas, focinho longo, dotados de grandes dentes cônicos (...) dedos com garras (...) cauda longa e comprimida lateralmente. Este animal, por suas características deu lugar a expressões tais como “crocodylagem”, isto é, “falsidade, traição, hipocrisia”. Imaginemos então que um crocodilo embriague-se e pense que é uma lagartixa; dá para aprisioná-lo em uma pequena caixa? Um crocodilo embriagado será sempre um crocodilo exigindo toda a técnica necessária para alcançar um animal com estas características.

Se um crocodilo usar maconha, ele será um crocodilo maconhado e, provavelmente, o dano que causará será muito maior do que qualquer dano que uma lagartixa sob o efeito de ácido lisérgico possa produzir. Isso é banal.

Evidentemente minha metáfora tem limites, muitos limites, mas ajudou muitos pais a compreenderem a inadequação de suas atitudes com relação a filhos e filhas com características muito mais para a



transgressão circunstancial da adolescência do que de situações graves como a toxicomania. Evidentemente que uma lagartixa sob efeito de qualquer substância psicoativa corre os riscos decorrentes deste uso; contudo, o risco faz parte da vida e do viver.

Tratar uma lagartixa como se fosse um crocodilo, constitui-se num imenso dano para a lagartixa, porque certamente ela morrerá. Quando se prescreve um antipsicóticos (medicamentos neurolépticos) para adolescentes experimentando as transgressões que lhe possibilitarão alcançar a vida adulta, período transitório, de reconhecimento da sua identidade, de separação do domínio da família, de desafio, de aliança com seus pares, estes adolescentes poderão despencar num grande abismo de vergonha, mal-estar, depressão...A lagartixa pode despencar de uma altura maior que suas possibilidades. Servir alimentos contendo medicamentos sem gosto, cheiro ou cor, à revelia dos adolescentes (ou de qualquer adulto), tem características de traição e engano; uma lagartixa medicada deste modo perde o gosto pelas paredes, pelos pequenos insetos, pela aventura e pelo inusitado da vida. Internar um adolescente numa clínica para psicóticos ou para toxicômanos, durante nove meses, sem possibilidade de contato

com a família, com os amigos, com o sexo, com a vida banal, barra sua travessia; se o colocamos numa cela junto com delinqüentes de toda ordem, os danos oriundos desta experiência serão maiores do que aqueles causados pelo risco da aventura com a maconha. Usar maconha pode facilitar acidentes (de automóvel em particular), mas atravessar uma rua nas grandes cidades brasileiras, também. Todos podemos morrer por causa da maconha sobretudo se um caminhão carregado deste produto despencar de um viaduto em cima de nós!

Por outro lado, se tenho um crocodilo e o trato como se fosse uma lagartixa, provavelmente o crocodilo me trucidará sem dó nem piedade. Logo, é indispensável verificar se o filho, o(a) adolescente, é um crocodilo: se abandonou a escola, se é violento, se apresenta distúrbio de personalidade, se apresenta traços psicóticos. Nestas condições, como se trata de um filho ou filha em situação de imenso sofrimento para si e para os seus, devemos ser cuidadosos nas ações; trata-se, como escreveu Claude Olievenstein, de nossos filhos e filhas e não de marcianos. Aqueles que têm filhos-crocodilo sabem muito bem do que estou falando. Em algum lugar, filho-crocodilo produz sofrimento, muito sofrimento. E esta é a terceira proposição.

Concluo, reiterando que tanto quanto as substâncias os produtos consumidos são diversos. Nossas intervenções devem considerar os fatores de risco e os fatores de proteção para a vida.

Os riscos, são todos da vida. As proteções, são invenções que devemos considerar. Permitam-me uma veleidade de avô: nesta foto de Ana Beatriz, minha neta, filha de

minha filha Adriana, está o meu futuro. Faz algum tempo me encontrei diante de um sério dilema: como proteger Ana Beatriz, em plenos dois anos de vida, da piscina em Itacimirim, onde posso ver o Cruzeiro do Sul em noite estrelada? Talvez cercá-la (a piscina) com arame farpado! Não pareceu ser uma boa opção; uma cerca de madeira pintada de amarelo, bem visível (para quem?), fechando a área, como um pequeno curral; também não foi adiante. A solução veio de Adriana: “meu pai, vou colocar Ana Beatriz numa escola de natação”. Fazem poucos dias vi minha neta sem muita técnica – ainda – nadando para alcançar a borda da piscina, sôb o olhar vigilante da mãe e o desespero do avô! Não colocamos arame nem cerca elétrica porque meu futuro está aprendendo a nadar, com a nossa ajuda. O risco e o esforço são dela, a vigilância e o apoio são nosso.

Saber nadar. Esta é a minha proposta, medida de proteção. Ensinemos a nossos filhos o respeito à lei. Ensinemos a nossos filhos o uso de expressões simples –e indispensáveis- como ‘por favor’, ‘obrigado’, ‘bom-dia’. Contemos aos nossos filhos a história de nossos antepassados e o lugar das substâncias psicoativas no alívio dos sofrimentos humanos, sem demonizá-las. Ensinemos nossos filhos a nadar nas dificuldades da vida. Do ponto de vista das substâncias psicoativas, devemos, desde muito cedo, dizer-lhes dos riscos e danos possíveis, das implicações, das necessidades; ensinemos a nossos filhos e filhas o valor do sim e o valor do não; deixemos a eles as decisões, erros e acertos. Assim crescerão.

Para concluir a conclusão: sinto que o Brasil vive mais uma grande crise ético-moral, talvez sem precedentes. A destituição dos

valores que fundam e sustentam a convivência humana estão se dissolvendo; a família perdeu sua possibilidade de definir as margens do rio e os filhos tornam-se lagos sem futuro. A tecnologia nos oferece possibilidades impensadas por Júlio Verne. A internet nos liberta e aprisiona. A pornografia infantil alcança “la déraison” neste moderníssimo meio de comunicação; a violência nos lança numa verdadeira barbárie. Não será pela compra de armas e veículos que nossa lei e ordem será restaurada; será necessário um longo trabalho de qualificação e de valoração dos homens e mulheres policiais. Mais do que isto, necessitamos restaurar a significação da Lei. O respeito à lei que nos organiza, que nos permite sair do caos.

Devemos advertir nossos filhos das coisas que machucam o corpo e a alma. Rever nossas próprias posições e servir de referência. Talvez esta seja a questão fundamental: nós, os pais, policiais, professores, médicos, operadores da lei, religiosos, para mencionar uns poucos, talvez tenhamos deixado escapar, ou não saibamos mais, que legado deixar para nossos filhos e filhas. Se assim for, nós é que precisamos re-aprender a nadar.